

Projeto Resisto!

Roteiro de pesquisa: Acervo Memorial

Eixo Patrimônio - Lugares da Memória:

1) Nome: Complexo Penitenciário do Carandiru

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/lugares/complexo-penitenciario-do-carandiru>

Por que pesquisar:

O Complexo do Carandiru surgiu da junção da Penitenciária do Estado (1920) e da Casa de Detenção (1965). Em seu entorno, foram instalados ainda o Presídio de Mulheres (1942), posteriormente chamado de Penitenciária Feminina da Capital (1973), e o Centro de Observação Criminológica (1983). Um dos maiores complexos prisionais do Brasil, o Carandiru recebeu muitos presos políticos durante a ditadura, que dividiram o cotidiano carcerário com os presos comuns, cumprindo suas sentenças nas instalações precárias que o presídio já apresentava. Considerado modelo prisional durante vinte anos, o Carandiru passou a enfrentar problemas a partir da década de 1940, quando passou a funcionar com superlotação. Após a democratização, as violações aos Direitos Humanos não cessaram. Em 1992, o local sediou o que ficou conhecido como o Massacre do Carandiru: uma invasão da Polícia Militar, motivada por uma rebelião, que resultou em 111 prisioneiros mortos e 37 feridos. Nenhum policial ficou ferido. Em 2002, o Complexo foi implodido, dando lugar ao Parque da Juventude.

Perguntas para o debate:

- O antigo Presídio do Carandiru foi demolido, e seu espaço se transformou no Parque da Juventude. Qual é a intenção de desconfigurar um espaço de violações de Direitos Humanos?
- Como se dá o apagamento da memória? Quais são as implicações deste apagamento?

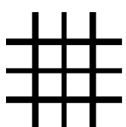
2) Nome: Parque do Ibirapuera

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/lugares/parque-do-ibirapuera>

Por que pesquisar:

Inaugurado em 1954, durante o IV Centenário da cidade, o Ibirapuera é considerado o mais importante parque urbano de São Paulo. Ele se destaca pela arquitetura modernista de seus prédios, muitos projetados por Niemeyer, e por seus monumentos, como o Obelisco do Ibirapuera (Mausoléu de 1932), o Monumento às Bandeiras, além de uma área verde expressiva, de aproximadamente 1.600.000m².



Também no parque, em dezembro de 2014, foi inaugurado o “Monumento em Homenagem aos Mortos e Desaparecidos Políticos”, obra que registra 436 nomes de mortos e desaparecidos da ditadura. O monumento localiza-se próximo ao QG do 2º Exército, primeira sede do DOI-Codi/SP, um grande centro de tortura da ditadura.

Perguntas para o debate:

- Por que o “Monumento em Homenagem aos Mortos e Desaparecidos Políticos” localiza-se próximo ao QG do 2º Exército, e não no próprio espaço onde funcionou o DOI-Codi, na Rua Tutóia?
- O que é patrimônio natural e qual é a sua função?

3) Nome: Teatro de Arena

Acesse em:

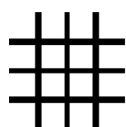
<http://memorialdaresistencia.org.br/lugares/teatro-de-arena-eugenio-kusnet>

Por que pesquisar:

Fundado nos anos 1950, o Teatro de Arena tornou-se o mais ativo disseminador da dramaturgia nacional que dominou os palcos nos anos 1960, aglutinando expressivo contingente de artistas comprometidos com o teatro político e social. O Arena expressava o desejo de encenar textos brasileiros que retratassem mais e melhor a realidade do país, enfrentando seus problemas de forma acessível às classes populares. O Golpe de 1964 veio a atravessar seu processo produtivo. A censura e a perseguição política violenta que se seguiram tiveram impactos progressivos sobre o Arena. Embora não tenham conseguido fazê-lo alterar o perfil político de sua produção, estão entre os principais fatores que levaram ao fim do grupo em 1972.

Perguntas para o debate:

- Como a produção artística pode ser uma importante ferramenta de apoio à resistência?
- Em quais momentos você se sente retratado em obras de ficção e/ou artísticas (filmes, séries, novelas, livros, quadros)? E em quais momentos você não se sente retratado?
- Que relação existe entre se sentir retratado artisticamente e frequentar espaços culturais?
- Qual é o interesse de governos autoritários em controlar manifestações culturais?
- Qual é o papel da cultura para a formação cidadã?



Eixo Patrimônio - Coleta Regular de Testemunhos:

1) Ana Maria do Carmo Silva

Assunto correlato: movimento operário e periférico

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/ana-maria-do-carmo-silva>

Biografia:

Ana Maria do Carmo Silva nasceu em 16 de janeiro de 1943 em Pitangueiras, interior de São Paulo. Casou-se em 1965 com Santo Dias e passou, então, a ser chamada de Ana Dias. O casal morou na periferia da Zona Sul da cidade de São Paulo, onde iniciaram suas militâncias no final dos anos 1960. Através de um trabalho ligado à independência feminina na política, Ana e outras companheiras organizaram-se reivindicando a diminuição do custo de vida na campanha popular de massa que ficou conhecida como Movimento Contra a Carestia. Após o assassinato de Santo Dias, em 30 de outubro de 1979, por policiais ligados à Ditadura Civil-Militar, Ana, com o apoio de milhares de companheiros, passou a realizar anualmente atos públicos pela preservação da memória de Santo e sua representação diante da luta dos trabalhadores e da resistência política frente à ditadura.

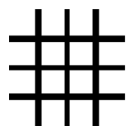
Resumo da entrevista:

A entrevistada discorreu acerca de sua aproximação com a política e vivência como militante na periferia de São Paulo concretizada através das associações de bairro nos anos 1970. Tratou também sobre a experiência que a levou do luto à luta após o assassinato de seu então marido Santo Dias, morto pela repressão militar durante um piquete na Fábrica Sylvania, ocorrido em 30 de outubro de 1979. Envolvida no contexto da independência feminina na política, Ana Dias retomou o desenvolvimento dos grupos de discussão e ação política que se formaram na época da ditadura. Enquanto Ana e suas companheiras dedicavam-se, fundamentalmente, às causas ligadas à redução dos custos de vida, seu marido, Santo Dias, lutava pelos direitos trabalhistas dos operários através da Oposição Sindical. Devido à ação política reivindicatória desempenhada, Ana e Santo foram perseguidos pela repressão durante toda a década de 1970. Frente a isso, contavam com apoio e proteção de setores da Igreja comprometidos com a causa popular. Esta abordou a participação da família Dias no Movimento Contra a Carestia, sobretudo na manifestação ocorrida em 27 de agosto de 1978 nas escadarias da Catedral da Sé, com apoio de Dom Paulo Evaristo Arns. Outro importante acontecimento ocorrido nos entornos da Praça da Sé - evidenciado na entrevista como lugar fundamental de memória - foi a manifestação que reuniu milhares de pessoas em protesto pelo assassinato de seu marido. Atualmente, Ana integra o Comitê Santo Dias e o Centro de Direitos Humanos Santo Dias da Arquidiocese de São Paulo, comprometida em manter viva a memória da luta de seu companheiro, que também é parte de sua luta.

Reflexão:

“Olha, Santo, eu não deixei você morrer. Eu estou querendo manter você vivo aqui hoje, olhando pras meninas, né? E que essa luta é uma luta de verdade. É uma luta de justiça. E que a gente luta por essa justiça. Então eu acredito que tudo que eu disse hoje é para amanhã. Como você não está aqui, eu não estou. Mas alguém que vai ler isso, vai ser um testemunho. Uma história de uma vida que foi real e que a gente viveu.”

(Trecho do testemunho de Ana Dias ao Programa Coleta Regular de Testemunhos)



“Eu não sei mais nada, Zé. Sempre estive do seu lado. Topei todas as paradas com você. Desde que casamos, nunca fomos num cinema, nunca passeamos, nunca comprei um vestido novo. E nunca me queixei.”

(Trecho de “Quando as Máquinas Param” – Plínio Marcos)

Qual é a importância das relações pessoais na preservação da memória coletiva?

2) Maria Amélia de Almeida Teles

Assuntos correlatos: movimento de familiares, Vala de Perus

Acesse em:

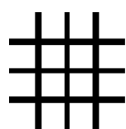
<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/maria-amelia-de-almeida-teles>

Biografia:

Maria Amélia de Almeida Teles, mais conhecida como Amelinha, nasceu no dia seis de outubro de 1944 em Contagem, Minas Gerais. Sua militância política teve início no ano de 1960, quando, ainda muito jovem, aderiu ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) por influência de seu pai. Ao lado de Criméia, sua irmã mais jovem, foi presa em 1964. Em sua trajetória carcerária, passou pelo DOI-Codi/SP, o Deops/SP, o Presídio do Hipódromo e por fim, a Casa do Egresso, somando aproximadamente 10 meses de reclusão. Após a sua soltura, deu continuidade à militância política, que tem entre as principais bandeiras o movimento feminista e a busca pelos mortos e desaparecidos políticos. Atualmente é coordenadora do Projeto Promotoras Legais Populares e integrante da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. Foi assessora da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo - Rubens Paiva e da Comissão da Memória e da Verdade da Prefeitura de São Paulo (CMV).

Resumo da entrevista:

A entrevistada narrou sua experiência contínua de militância política iniciada em 1960 e que permanece ativa ainda hoje. Segundo relatou, sua primeira prisão ocorreu em 1964, logo após a deflagração do golpe, quando militava no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Juntamente com sua irmã, foi detida por dois dias no Quartel do Barro Preto, em Belo Horizonte. Pouco antes do ocorrido, seu pai, que era filiado ao PCB e ao sindicato dos operários, também fora preso pela repressão, configurando, assim, uma situação de perseguição política familiar, que se estendeu por décadas. Após a soltura, seguiu colaborando com o Partidão até 1968, quando decidiu aderir ao recém-criado Partido Comunista do Brasil (PCdoB), envolvendo-se com a luta armada. Passou, então, a cumprir uma frente de trabalho ligada à educação política, além de atuar junto à imprensa clandestina do Partido – trabalho que desempenhou ao lado de seu marido, César Teles, também militante. Tratou também sobre seus primeiros contatos com o feminismo e de que modo as questões de gênero se faziam presentes naquele contexto de luta política e como se inserem atualmente no debate político. Mais adiante, tratou sobre o segundo processo de prisão sofrido em 1972, na capital paulista. Capturada pela repressão, foi levada para as dependências do DOI-Codi/SP com seu marido e o companheiro de militância Carlos Nicolau Danielli, cujo assassinato testemunhou, além de sofrer torturas e ameaças que envolviam outros membros da família. Após essa passagem, foi encaminhada para o Deops/SP, onde conviveu com Edgar de Aquino Duarte antes de seu desaparecimento. Seguiu então para o Presídio do Hipódromo e, por fim, a Casa do Egresso, somando aproximadamente 10 meses de confinamento. Além da trajetória prisional, Amelinha tratou de episódios marcantes



em sua jornada de militância, como a participação na Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e seu envolvimento no processo de abertura da vala clandestina de Perus, entre outros temas que envolvem a defesa pelo Direito à Memória e à Verdade, os Direitos Humanos e a condenação dos crimes de lesa-humanidade cometidos pela Ditadura Civil-Militar.

Reflexão:

“Esse negócio de recordar é viver, nem sempre, né? Recordar também é sofrer. E viver não é só sofrer, né? Então recordar é difícil. Eu acho. Eu faço por uma questão de dever. Eu acho que tenho um dever. Eu sou testemunha da história. Testemunha ocular de certos fatos que eu tenho que falar deles. Não é uma questão de justiça para aquelas pessoas que morreram ou desapareceram, que não podem mais falar. Então eu tenho que falar por elas. Eu acho. Eu me sinto na obrigação. Porque, se eu tivesse desaparecido, eu queria que as outras pessoas falassem por mim, né? Então eu me sinto na obrigação mesmo. Pra mim, é uma questão de obrigação.”

(Trecho do testemunho de Amelinha Teles ao Programa Coleta Regular de Testemunhos)

“Creonte - Será enterrada viva, em um túmulo subterrâneo, revestido de pedra, com alimento o bastante para que a cidade não seja maculada pelo sacrilégio. Lá não chegará som de humana voz, ela poderá conversar em paz com seus mortos. Talvez assim ela se convença de quão inútil é prestar culto aos mortos!”

(Trecho de “Antígona” – de Sófocles)

A tragédia grega “Antígona” trata sobre a luta de uma mulher para reaver o corpo de seu irmão e enterrá-lo com a dignidade que lhe era devida. Qual é a similaridade entre a trajetória da personagem Antígona e a militância de Amelinha Teles? Qual é o papel da preservação da memória na restauração da justiça?

3) Celso Frateschi

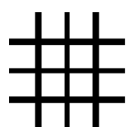
Assunto correlato: movimento artístico

Acesse em:

<http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/celso-frateschi>

Biografia:

Celso Frateschi nasceu no dia nove de fevereiro de 1952, em São Paulo. Atua profissionalmente como ator, diretor, autor e professor de teatro. Para Celso Frateschi, o fazer artístico esteve sempre atrelado à militância política. Formado pelo Teatro de Arena, onde iniciou sua carreira profissional, fundou importantes grupos de teatro, como o Núcleo Independente e o Teatro Pequeno. Durante os anos 1970, colaborou com o Teatro-Jornal, que representou uma importante experiência de engajamento político que transformava notícias censuradas em cenas teatrais. Por conta de seu envolvimento com as questões políticas, Celso sofreu duas prisões políticas durante o período da ditadura: a primeira em 1969, quando, ligado à organização de esquerda Ala Vermelha (ALA), foi preso pela Operação Bandeirantes, e depois, em 1973, durante uma apresentação teatral, quando foi levado por uma equipe de busca do DOI-Codi/SP. Atualmente, está à frente do Teatro Ágora.



Resumo da entrevista:

O entrevistado narrou fatos ligados à sua experiência de engajamento político ligado à sua arte. Segundo Celso, o fascínio pelo teatro crítico surgiu ainda muito cedo, quando, em 1965, assistiu à peça “Arena Conta Zumbi”. Em 1967, aos 15 anos de idade, deu início a uma militância organizada através da Ala Vermelha (ALA), cumprindo ações de base. Neste mesmo período, iniciou um curso livre no Teatro de Arena ministrado por Heleny Guariba e Cecília Tomin Boal. Foi preso em 1969, ainda menor de idade, quando a ALA sofreu uma queda em massa. Foi capturado em sua casa por uma equipe da Oban, de onde foi levado juntamente com seu irmão, Paulo Frateschi. De lá, eles foram levados para o 3º R C Mec, onde foram mantidos em condições insólitas. Após cerca de duas semanas, foi encaminhado para o Deops/SP, onde foi fichado e liberado após três ou quatro dias. Após a soltura, retornou ao Arena, onde concentrou sua militância. Neste momento, Celso e outros jovens atores retomaram a proposta do teatro-jornal desenvolvida em 1964 por Augusto Boal e passaram a se dedicar na difusão desta ação, que teatralizava notícias de jornal que denunciavam questões como tortura e violência do regime. Em 1972, o grupo que se intitulava Núcleo Independente migrou para o Teatro São Pedro. Em 1973, em cartaz com a peça “A Queda da Bastilha”, Celso foi preso pela segunda vez pouco antes de subir ao palco. Levado com sua então esposa, a atriz Denise Del Vecchio, foram encaminhados para o DOI-Codi/SP sem acusação apontada. Ao sair da prisão, o grupo decidiu deixar o Teatro devido à forte intervenção da censura. De lá, seguiram para um galpão alugado na Av. São Miguel e deram início a um trabalho ligado aos bairros da Zona Leste, dando continuidade à proposta do Teatro-Jornal. Além da atuação teatral, Celso ainda relatou sobre a experiência enquanto gestor público na área da Cultura. Concluiu seu testemunho refletindo sobre o momento político atual no Brasil e as posturas adotadas pela esquerda diante de uma conjuntura que ameaça as conquistas democráticas do país.

Reflexão:

“Eu amo o ator que se empresta inteiro para expor para a plateia os aleijões da alma humana, com a única finalidade de que seu público se compreenda, se fortaleça e caminhe no rumo de um mundo melhor, que tem que ser construído pela harmonia e pelo amor.”
 (“Carta ao Ator” – Plínio Marcos)

O que é patrimônio artístico e qual é a sua importância política?

